

I · N · T · R · O · D · U · Ç · ã · O

AO ESTUDO DA DOCTRINA ESPÍRITA

1

PALAVRAS NOVAS

*P*ara designar coisas novas são necessárias palavras novas; assim exige a clareza de uma língua, para evitar a confusão que ocorre quando uma palavra tem múltiplo sentido. As palavras *espiritual*, *espiritualista*, *espiritualismo* têm um significado bem definido, e acrescentar-lhes uma nova significação para aplicá-las à Doutrina dos Espíritos seria multiplicar os casos já tão numerosos de palavras com duplo sentido. De fato, o espiritualismo é o oposto do materialismo, e qualquer um que acredite ter em si algo além da matéria é espiritualista, embora isso não queira dizer que creia na existência dos Espíritos ou em suas comunicações com o mundo material. Em vez das palavras *espiritual*, *espiritualismo*, utilizamos, para designar a crença nos Espíritos, as palavras *espírita* e *Espiritismo*, que lembram a origem e têm em si a raiz e que, por isso mesmo, têm a vantagem de ser perfeitamente inteligíveis, reservando à palavra *espiritualismo* sua significação própria. Diremos que a *Doutrina Espírita* ou o *Espiritismo* tem por princípio a relação do mundo material com os Espíritos ou seres do mundo espiritual. Os adeptos do Espiritismo serão os *espíritas* ou, se quiserem, os *espiritistas*.

Como especialidade, o *Livro dos Espíritos* contém a Doutrina Espírita; como generalidade, liga-se ao *espiritualismo* num dos seus aspectos. Esta é a razão por que traz, no início de seu título, as palavras: “filosofia espiritualista”.

2

A ALMA¹

Há outra palavra sobre a qual devemos igualmente nos entender, por constituir em si um dos *fechos de abóbada*², isto é, a sustentação de toda a doutrina moral, e que se tornou objeto de muitas contrové-

1 - É extraordinária a clareza com que Allan Kardec se refere à alma como ponto de partida para a discussão em torno de assunto tão relevante. Poderia ter dito que a alma é *a base*; mas, não. Diz que é o fecho de abóbada, a cúpula. O cimo, o mais alto, o mais importante, sobre o qual se deve estruturar tudo (Nota do Editor).

2 - **Fecho de abóbada:** pedra angular e principal de uma abóbada ou arco, na qual se sustenta toda a estrutura e as cargas externas. Neste caso: a questão primordial, a mais importante (N. E.).

sias por falta de um significado que a defina com precisão determinada. É a palavra *alma*. A divergência de opiniões sobre a natureza da alma resulta da aplicação particular que cada um faz dessa palavra. Uma língua perfeita, em que cada idéia tivesse sua representação por um termo próprio, evitaria muitas discussões; com uma palavra para cada coisa, todos se entenderiam.

Segundo alguns, a alma é o princípio da vida material orgânica, não tem existência própria e termina com a vida: é o materialismo puro. É nesse sentido e por comparação que se diz de um instrumento rachado quando não emite mais som: não tem alma. De acordo com essa opinião, a alma seria um efeito e não uma causa.

Outros pensam que a alma é o princípio da inteligência, agente universal do qual cada ser absorve uma porção. De acordo com esse pensamento, haveria para todo o universo apenas uma única alma que distribui suas centelhas entre os diversos seres inteligentes durante a vida. Após a sua morte, cada centelha retornaria à fonte comum, onde se misturaria no todo, como as águas dos riachos e dos rios retornam ao mar de onde saíram. Essa opinião difere da anterior apenas em que, nessa hipótese, há no corpo mais do que a matéria e que resta alguma coisa depois da morte; mas é quase como se não restasse nada, uma vez que, incorporando-se ao todo de onde veio, perde a individualidade e, assim, não teríamos mais consciência de nós mesmos. De acordo com essa opinião, a alma universal seria Deus e cada ser, uma porção da divindade. Essa é uma variante do *panteísmo*³.

E por fim, segundo outros, a alma é um ser moral, distinto e independente da matéria, que conserva sua individualidade após a morte. Essa concepção é, indiscutivelmente, a mais generalizada, visto que, sob um nome ou outro, a idéia desse ser que sobrevive ao corpo se encontra como crença instintiva e independentemente de qualquer ensinamento, entre todos os povos, seja qual for o grau de sua civilização. Essa doutrina, segundo a qual a alma é a *causa e não o efeito*, é a dos *espiritualistas*.

Sem discutir o mérito dessas opiniões, considerando apenas o lado lingüístico da questão, diremos que as três aplicações da palavra *alma* constituem três idéias distintas e que, para serem claramente expressas, cada uma precisaria de um termo diferente. A palavra tem, portanto, uma tríplice significação e cada uma tem razão em seu ponto de vista, na definição que lhe dá. O problema é a língua ter apenas uma palavra para designar três idéias. Para evitar qualquer equívoco, seria preciso aplicar o significado da palavra alma a uma dessas três idéias. Escolher qualquer uma é indiferente, é uma questão de ajuste

3 - **Panteísmo**: doutrina filosófica segundo a qual só Deus é real. Tudo o que existe é a manifestação de Deus, que por sua vez é a soma de tudo o que existe (N. E.).

de opiniões; o importante é que nos entendamos. Acreditamos mais lógico tomá-la na sua concepção mais comum; é por isso que denominamos ALMA *o ser imaterial e individual que existe em nós e que sobrevive ao corpo*. Ainda que esse ser não existisse e fosse apenas um produto da imaginação, seria preciso assim mesmo um termo para designá-lo.

Na falta de uma palavra especial para cada uma das outras duas idéias, denominamos *princípio vital* o princípio da vida material e orgânica, qualquer que lhe seja a origem, e que é comum a todos os seres vivos, desde as plantas até o homem. Podendo existir vida sem depender da capacidade de pensar, o princípio vital é assim uma propriedade distinta e autônoma⁴. A palavra *vitalidade* não daria a mesma idéia. Para alguns, o princípio vital é uma propriedade da matéria, um efeito que se produz quando a matéria se encontra em determinadas circunstâncias. Segundo outros, e esta é a idéia mais comum, ele se encontra num fluido especial, universalmente espalhado e do qual cada ser absorve e assimila uma parte durante a vida, como vemos os corpos inertes absorverem a luz. Este seria, então, *o fluido vital*, que, segundo algumas opiniões, seria o fluido elétrico animalizado, designado também sob os nomes de fluido magnético, fluido nervoso, etc.

O que quer que ele seja, há um fato que não se poderá contestar, porque é resultante da observação: é que os seres orgânicos têm em si uma força íntima que produz o fenômeno da vida, enquanto essa força dure; que a vida material é comum a todos os seres orgânicos e é independente da inteligência e do pensamento; que a inteligência e o pensamento são capacidades próprias de algumas espécies orgânicas; e que, enfim, entre as espécies orgânicas dotadas de inteligência e de pensamento, há uma que é dotada de um senso moral especial que lhe dá uma incontestável superioridade sobre as outras: é a espécie humana.

Concebe-se assim que nem o materialismo nem o panteísmo excluem em suas teorias a noção de alma por causa do significado abrangente que se lhe pode atribuir. Mesmo o espiritualista pode entender muito bem a alma segundo uma das duas primeiras definições, sem reduzir o ser imaterial distinto ao qual dará um nome qualquer. Assim, a palavra alma não representa uma idéia única; é um Proteu⁵ que cada um acomoda a seu gosto, daí a fonte de tantas disputas intermináveis.

Ao se utilizar da palavra alma em qualquer dos três casos, teríamos uma idéia clara ao lhe acrescentar um qualificativo que especificasse o ponto de vista a que se refere, ou a aplicação que se faz dela.

4 - **Autônoma:** que se realiza sem a intervenção de agentes externos; independente, livre (N. E.).

5 - **Proteu:** aquele que muda constantemente de opinião ou de sistema (N. E.).

Seria, então, uma palavra genérica, representando ao mesmo tempo o princípio da vida material, da inteligência e do sentido moral, mas que se diferenciaria por um atributo, como o gás, por exemplo, que se distingue quando lhe acrescentamos as palavras *hidrogênio*, *oxigênio* ou *azoto*. Assim é que deveríamos compreender a *alma vital* para designar o princípio da vida material; a *alma intelectual* para o princípio da inteligência que se expressa enquanto há vida e a *alma espírita* para o princípio de nossa individualidade após a morte. Como se vê, tudo isso é uma questão de palavras, mas uma questão muito importante para entender. De acordo com isso, a *alma vital* seria comum a todos os seres orgânicos: plantas, animais e homens; a *alma intelectual* seria própria dos animais e dos homens; e a *alma espírita*, apenas do homem.

Acreditamos dever insistir nessas explicações, porque a Doutrina Espírita baseia-se naturalmente na existência em nós de um ser independente da matéria e que sobrevive à morte do corpo. Como a palavra alma deve aparecer freqüentemente no decorrer desta obra, é importante saber o exato sentido que lhe damos, a fim de evitar qualquer equívoco.

Vamos, agora, ao ponto principal desta instrução preliminar.

3

A HISTÓRIA

A Doutrina Espírita, como toda idéia nova, tem seus adeptos e seus opositores. Vamos tentar responder a algumas das objeções, examinando o valor dos motivos em que se apóiam, sem termos, entretanto, a pretensão de convencer a todos, porque há pessoas que acreditam que a luz tenha sido feita exclusivamente para elas. Dirigimo-nos às pessoas de boa-fé, sem idéias preconcebidas ou obstinadas e sinceramente desejosas de se instruir, e demonstraremos que a maior parte das objeções à Doutrina provém de uma observação incompleta dos fatos e de um julgamento feito com muita leviandade e precipitação.

Lembremos primeiramente e em poucas palavras a série progressiva dos fenômenos que deram origem à Doutrina Espírita.

O primeiro fato observado foi o de que diversos objetos se movimentavam; de maneira geral, chamaram-no de *mesas girantes* ou *danças das mesas*. Esse fenômeno, observado primeiramente nos Estados Unidos, ou melhor, que se repetiu e foi anunciado naquele país, porque a história prova que remonta à mais alta Antiguidade, se produziu acompanhado de circunstâncias estranhas, como barulhos anormais, pancadas sem causa aparente ou conhecida. Dos Estados Unidos se propagou rapidamente pela Europa e em seguida por todo o mundo. A princípio houve muita incredulidade, mas a multiplicidade das experiências não mais permitiu duvidar da realidade.

Se o fenômeno tivesse ficado restrito ao movimento dos objetos materiais, poderia ser explicado por uma causa puramente física. Estamos longe de conhecer todos os agentes ocultos da natureza e todas as propriedades daqueles que conhecemos; a eletricidade, aliás, multiplica a cada dia ao infinito os recursos que ela proporciona ao homem e *parece destinada*⁶ a iluminar a ciência com uma nova luz. Não haveria, portanto, nada de impossível se a eletricidade, modificada por algum fator ou qualquer outro agente desconhecido, fosse a causa desse movimento. A reunião de muitas pessoas, aumentando o poder da ação, parecia apoiar essa teoria, porque se podia considerar todo o conjunto como uma pilha múltipla cujo potencial estava em razão do número de elementos.

O movimento circular não apresentaria nada de extraordinário, está na natureza, todos os astros se movem em círculos; poderíamos ter um pequeno reflexo do movimento geral do universo, ou melhor, uma causa até então desconhecida poderia produzir acidentalmente, com pequenos objetos e em determinadas circunstâncias, uma corrente parecida à que faz girar os mundos.

Ocorre que o movimento nem sempre era circular; muitas vezes era brusco, desordenado; outras vezes o objeto era violentamente sacudido, derrubado, levado numa direção qualquer e, contrariamente a todas as leis da estática⁷, levantado do chão e mantido no espaço. Ainda não havia nada nesses fatos que não pudesse ser explicado pelo poder de um agente físico invisível. Não vemos a eletricidade derrubar edifícios, destruir árvores, lançar ao longe os mais pesados corpos, atraí-los ou repeli-los?

Os ruídos anormais, as pancadas, supondo-se que não fossem um dos efeitos normais da dilatação da madeira ou de qualquer outra causa acidental, poderiam muito bem ser produzidos pelo acúmulo de um fluido oculto: a eletricidade não produz os ruídos mais violentos⁸?

Até aí, como se vê, tudo podia ocorrer no domínio dos fatos puramente físicos e fisiológicos. Sem sair desse círculo de idéias, havia matéria para estudos sérios e dignos de fixar a atenção dos sábios. Por que isso não aconteceu? É lamentável dizer, mas isso se prende a causas que provam, entre mil fatos semelhantes, a leviandade do espírito humano. Por se tratar de um objeto comum, no caso a mesa que serviu de base às primeiras experiências, provocou a estranheza e a indiferença dos sábios. Que influência, muitas vezes, não tem uma palavra sobre as coisas mais sérias? Sem considerar que o movimen-

6 - Kardec escreveu "parece destinada" porque referia-se aos primeiros inventos relacionados à eletricidade, como a lâmpada, que estava, na época, em pesquisas e ainda era desconhecida (N. E.).

7 - **Estática:** ciência que estuda o equilíbrio dos corpos sob a ação das forças (N. E.).

8 - Os trechos "não vemos a eletricidade derrubar edifícios..." e "a eletricidade não produz os ruídos mais violentos" referem-se às descargas elétricas provocadas pelos relâmpagos, trovões e raios (N. E.).

to poderia ser dado a um outro objeto qualquer, a idéia das mesas prevaleceu, sem dúvida, porque esse era o objeto mais cômodo e ao redor de uma mesa as pessoas se sentam com mais naturalidade do que ao redor de qualquer outro móvel. Portanto, os homens de inteligência superior são, algumas vezes, tão pretensiosos que não seria nada impossível considerar que inteligências de elite tenham acreditado que se rebaixariam caso se ocupassem daquilo que foi convencionalmente chamado *a dança das mesas*. É mesmo provável que se o fenômeno observado por Galvani⁹ o tivesse sido por homens comuns e ficasse conhecido por um nome simples, ainda estaria rebaixado ao mesmo plano da varinha mágica. Qual é, de fato, o sábio que não teria julgado uma indignidade se ocupar da *dança das rãs*¹⁰?

Entretanto, alguns sábios, bastante modestos por admitir que a natureza poderia muito bem não lhes ter dito sua última palavra, quiseram ver, para tranquilizar as suas consciências. Mas aconteceu que o fenômeno nem sempre correspondeu à expectativa que tinham, e como o fato não se produziu conforme a sua vontade e segundo seu modo de experimentação, concluíram pela negativa. Apesar do que decretaram, as mesas continuaram a girar, e podemos dizer como Galileu: “Todavia elas se movem!” Diremos mais: “É que os fatos se multiplicaram de tal modo que hoje têm direito à cidadania e que não se trata senão de achar-lhes uma explicação racional”.

Pode-se deduzir algo contra a realidade de um fenômeno pelo fato de ele não se produzir de um modo sempre idêntico, atendendo à vontade e às exigências do observador? Acaso não estão os fenômenos da eletricidade e da química também subordinados a certas condições? Deve-se negá-los porque não se produzem fora dessas condições? Portanto, não há nada de surpreendente em que o fenômeno do movimento dos objetos pelo fluido humano também tenha suas condições para se realizar e deixe de se produzir quando o observador, colocando-se em seu próprio ponto de vista, pretende fazer com que ele se realize conforme o seu capricho ou submetê-lo às leis dos fenômenos conhecidos, sem considerar que para os fatos novos pode e deve haver novas leis? Portanto, para conhecer essas leis é preciso estudar as circunstâncias em que os fatos se produzem, e esse estudo só pode ser fruto de uma observação perseverante, atenta e às vezes muito longa.

Mas algumas pessoas alegam que muitas vezes há fraudes evidentes. Em primeiro lugar, devemos perguntar se estão bem certas disso e se não tomaram por fraudes os efeitos que não conseguiram entender, como o camponês que confundiu um sábio professor de física realizando

9 - **Luigi Galvani**: médico e físico italiano (N. E.).

10 - **Dança das rãs**: Galvani notou que as rãs dissecadas, expostas em pedaços sobre uma superfície de ferro, davam pulos. Dessa observação a ciência caminhou para o conhecimento do fluido nervoso e mais tarde da pilha elétrica (N. E.).

experiências como um mágico habilidoso. Mas, mesmo supondo que a fraude pudesse acontecer algumas vezes, seria razão para negar o fato? Deve-se negar a física porque há ilusionistas e mágicos que dão a si mesmo o título de físicos? Aliás, é preciso levar em conta o caráter das pessoas e o interesse que podiam ter em enganar. Então seria um gracejo? Admite-se que uma pessoa possa se divertir por um instante, mas uma brincadeira indefinidamente prolongada seria tão cansativa para o mistificador¹¹ quanto para o mistificado. De resto, numa mistificação que se propaga de um lado a outro do mundo e entre pessoas mais sérias, mais veneráveis e mais esclarecidas, haveria algo tão extraordinário quanto o próprio fenômeno.

4

O MÉTODO

Se os fenômenos de que nos ocupamos ficassem restritos ao movimento dos objetos, estariam dentro, como dissemos, do domínio das ciências físicas. Mas não foi isso que aconteceu: estavam destinados a nos colocar no caminho de fatos de uma natureza estranha. Acreditou-se descobrir, não sabemos por iniciativa de quem, que a impulsão dada aos objetos não era somente produto de uma força mecânica cega, mas que havia nesse movimento a intervenção de uma causa inteligente. Esse caminho, uma vez aberto, revelou um campo totalmente novo de observações: era o véu levantado de sobre muitos mistérios. Há, de fato, um poder inteligente? Essa é a questão. Se esse poder existe, qual é ele, qual é a sua natureza, sua origem? Ele está acima da humanidade? Essas são as outras questões decorrentes da primeira.

As primeiras manifestações inteligentes aconteceram por meio de mesas se levantando e batendo, com um dos pés, um número determinado de pancadas e respondendo desse modo *sim* ou *não*, segundo fora convenionado, a uma questão proposta. Até aí, não havia nada de convincente para os cétricos¹², porque se podia acreditar num efeito do acaso. Obtiveram-se, em seguida, respostas mais desenvolvidas por meio das letras do alfabeto: o objeto móvel, batendo um número de vezes correspondente ao número de ordem de cada letra, chegava a formular palavras e frases respondendo às perguntas propostas. A precisão das respostas e sua correlação com a pergunta causaram espanto. O ser misterioso que assim respondia, quando interrogado sobre sua natureza, declarou que era um *Espírito* ou *gênio*, deu o seu nome e forneceu diversas informações a seu respeito. Aqui há um fato muito importante

11 - **Mistificador**: enganador; que abusa da credulidade; burlador (N. E.).

12 - **Cético**: que duvida de tudo, descrente (N. E.).

que convém ressaltar: ninguém havia imaginado os Espíritos como um meio de explicar o fenômeno. Foi o próprio fenômeno que se revelou. Muitas vezes, nas ciências exatas, formulam-se hipóteses para se ter uma base de raciocínio, mas isso não ocorreu nesse caso.

Esse meio de comunicação era demorado e incômodo. O Espírito, e isso ainda é uma circunstância digna de nota, indicou um outro processo. Foi um desses seres espirituais que ensinou a prender um lápis a um pequeno cesto ou a um outro objeto. Esse cesto, colocado sobre uma folha de papel, foi posto em movimento pelo mesmo poder oculto que fazia mover as mesas; mas, em vez de um simples movimento regular, o lápis traçou, por si mesmo, letras formando palavras, frases e discursos inteiros de muitas páginas, tratando das mais altas questões da filosofia, da moral, da metafísica, da psicologia, etc., e isso com tanta rapidez como se fosse escrito à mão.

Esse conselho foi dado simultaneamente nos Estados Unidos, na França e em diversos países. Eis os termos em que foi dado em Paris, no dia 10 de junho de 1853, a um dos mais fervorosos adeptos da Doutrina, que desde 1849 se ocupava com a evocação dos Espíritos: “Vá pegar no quarto ao lado o pequeno cesto; prenda-lhe um lápis, coloque-o sobre um papel e ponha os dedos sobre a borda”. Alguns instantes depois, o cesto se pôs em movimento, e o lápis escreveu esta frase muito claramente: “O que eu vos digo aqui, eu vos proíbo expressamente de o dizer a alguém. A próxima vez que eu escrever, escreverei melhor”.

O objeto ao qual se adaptava o lápis era apenas um instrumento, sua natureza e forma não tinham importância. Procurou-se sua disposição mais cômoda, por isso muitas pessoas fazem uso de uma pequena prancheta.

O cesto ou a prancheta apenas podem ser colocados em movimento sob a influência de algumas pessoas dotadas, para esse fim, de um poder especial e que são designadas como *médiuns*, isto é, intermediários entre os Espíritos e os homens. As condições de que se origina esse poder especial têm causas ao mesmo tempo físicas e morais ainda desconhecidas, visto que se encontram médiuns de todas as idades, de ambos os sexos e em todos os graus de desenvolvimento intelectual. Essa faculdade¹³, esse dom, se desenvolve pelo exercício.

5

O SURGIMENTO DA PSICOGRAFIA

Mais tarde se reconheceu que o cesto e a prancheta, na realidade, eram apenas um substituto da mão, e o médium, pegando diretamente o lápis, pôs-se a escrever por um impulso involuntário e quase febril.

13 - **Faculdade:** capacidade, aptidão (N. E.).

Dessa forma, as comunicações tornaram-se mais rápidas, fáceis e completas. Hoje é o meio mais empregado, tanto é que o número de pessoas dotadas dessa aptidão é muito grande e multiplica-se todos os dias. A experiência fez conhecer outras variedades da faculdade mediúnica e constatou-se que as comunicações poderiam igualmente ter lugar pela fala, pela audição, pela visão, pelo tato, etc. e até mesmo pela escrita direta dos Espíritos, ou seja, sem a interferência da mão do médium nem do lápis.

Comprovado o fato, era preciso estabelecer e demonstrar um ponto essencial: qual era o papel do médium nas respostas e a parte que poderia nelas tomar, mecânica e moralmente. Duas circunstâncias fundamentais, que não poderiam escapar a um observador atento, podem resolver a questão. A primeira é a maneira pela qual o cesto se movia sob influência do médium, somente pela imposição dos dedos sobre a borda. O exame demonstra a impossibilidade de que o médium pudesse lhe impor qualquer direção. Essa impossibilidade torna-se mais evidente quando duas ou três pessoas colocam ao mesmo tempo as pontas dos dedos nas bordas de um mesmo cesto. Seria preciso uma concordância de movimentos entre elas verdadeiramente fenomenal, e ainda seria preciso mais, a concordância de seus pensamentos para que pudessem se entender quanto à resposta a dar à questão formulada. Um outro fato, não menos importante, ainda vem se juntar à dificuldade: é a mudança radical que se constata na caligrafia, conforme o Espírito que se manifesta; porém, cada vez que o mesmo Espírito retorna, sua escrita se reproduz. Seria preciso, portanto, que o médium fosse capaz de mudar sua própria escrita de 20 maneiras diferentes e, principalmente, que pudesse se lembrar da que pertence a este ou àquele Espírito.

A segunda circunstância resulta da própria natureza das respostas que são, na maioria, principalmente quando se trata de questões abstratas¹⁴ ou científicas, notoriamente fora dos conhecimentos e algumas vezes além da capacidade intelectual do médium, que não tem consciência do que escreve sob influência do Espírito. Com freqüência, o médium não ouve ou não compreende a questão proposta, uma vez que pode ser feita numa língua que lhe é estranha, ou mesmo mentalmente; e a resposta pode ser dada por escrito ou falada nessa mesma língua. Enfim, acontece que muitas vezes o cesto escreve espontaneamente, sem pergunta prévia, sobre um assunto qualquer e inteiramente inesperado.

Essas respostas, em alguns casos, têm uma tal marca de sabedoria, profundidade e oportunidade, revelam pensamentos tão elevados, tão sublimes, que somente podem proceder de uma inteligência superior, fundamentada na mais pura moralidade. Outras vezes, são tão levianas, tão fúteis e até mesmo tão vulgares que a razão se recusa

14 - **Questões abstratas:** de difícil compreensão, vagas e obscuras (N. E.).

a acreditar que possam proceder de uma mesma fonte. Essa diversidade da linguagem e dos ensinamentos somente se pode explicar pela diversidade das inteligências que se manifestam. Estarão essas inteligências na humanidade ou fora dela? Esse é o ponto a esclarecer, para o qual se encontrará a explicação completa nesta obra, exatamente como foi revelada pelos próprios Espíritos.

Eis que os efeitos ou fenômenos evidentes e incontestáveis que se produzem fora do círculo habitual de nossas observações não se processam misteriosamente, mas sim à luz do dia, e todos podem vê-los e constatar-los, porque não são privilégio de um único indivíduo, uma vez que milhares de pessoas os repetem todos os dias à vontade. Esses efeitos têm necessariamente uma causa, e a partir do momento que revelam a ação de uma inteligência e de uma vontade saem do domínio puramente físico.

Muitas teorias foram anunciadas a esse respeito. Elas serão examinadas em seguida e veremos se podem fornecer a razão de todos os fatos que se produzem. Admitamos, em princípio, antes de chegar até lá, a existência de seres distintos da humanidade, uma vez que esta é a explicação fornecida pelas inteligências que se revelam, e vejamos o que nos dizem.

6

RESUMO DOS PRINCIPAIS PONTOS DA DOCTRINA ESPÍRITA

Os seres que se comunicam designam-se, a si mesmos, como o dissemos, sob o nome de Espíritos ou de Gênios, tendo pertencido, pelo menos alguns, a homens que viveram na Terra. Eles constituem o mundo espiritual, como nós constituímos, durante nossa vida, o mundo corporal.

Resumimos assim, em poucas palavras, os pontos mais importantes da Doutrina que eles nos transmitiram, a fim de respondermos mais facilmente a algumas objeções.

“Deus é eterno, imutável, imaterial, único, todo-poderoso, soberanamente justo e bom.”

“Criou o universo, que compreende todos os seres animados e inanimados, materiais e imateriais.”

“Os seres materiais constituem o mundo visível ou corporal; os seres imateriais, o mundo invisível ou espírita, ou seja, dos Espíritos.”

“O mundo espírita é o mundo normal, primitivo, eterno, preexistindo e sobrevivendo a tudo.”

“O mundo corporal é apenas secundário, poderia deixar de existir ou nunca ter existido, sem alterar a essência do mundo espírita.”

“Os Espíritos vestem temporariamente um corpo material perecível, cuja destruição pela morte lhes devolve a liberdade.”

“Entre as diferentes espécies de seres corporais, Deus escolheu a espécie humana para a encarnação dos Espíritos que atingiram um certo grau de desenvolvimento, o que lhe dá a superioridade moral e intelectual sobre os outros.”

“A alma é um Espírito encarnado, sendo o corpo apenas o seu envoltório.”

“Há três coisas no homem: 1ª) o corpo ou ser material semelhante ao dos animais e animado pelo mesmo princípio vital; 2ª) a alma ou ser imaterial, Espírito encarnado no corpo; 3ª) o laço que une a alma ao corpo, princípio intermediário entre a matéria e o Espírito.

“Assim, o homem tem duas naturezas: pelo corpo participa da natureza dos animais, dos quais tem os instintos; pela alma participa da natureza dos Espíritos.”

“O laço ou perispírito que une o corpo e o Espírito é uma espécie de envoltório semimaterial. A morte é a destruição do envoltório mais grosseiro. O Espírito conserva o segundo, que constitui para ele um corpo etéreo, invisível para nós no estado normal, mas que pode tornar-se algumas vezes visível e mesmo tangível, como ocorre no fenômeno das aparições.”

“O Espírito não é, portanto, um ser abstrato, indefinido, que somente o pensamento pode conceber; é um ser real, definido, que, em alguns casos, pode ser reconhecido, avaliado pelos sentidos da *visão*, da *audição* e do *tato*.”

“Os Espíritos pertencem a diferentes classes e não são iguais em poder, inteligência, saber e nem em moralidade. Os da primeira ordem são os Espíritos superiores, que se distinguem dos outros por sua perfeição, seus conhecimentos, sua proximidade de Deus, pela pureza de seus sentimentos e seu amor ao bem: são os anjos ou Espíritos puros. Os das outras classes não atingiram ainda essa perfeição; os das classes inferiores são inclinados à maioria das nossas paixões: ao ódio, à inveja, ao ciúme, ao orgulho, etc. Eles se satisfazem no mal; entre eles há os que não são nem muito bons nem muito maus, são mais trapaceiros e importunos do que maus, a malícia e a irresponsabilidade parecem ser sua diversão: são os Espíritos desajuzados ou levianos.”

“Os Espíritos não pertencem perpetuamente à mesma ordem. Todos melhoram ao passar pelos diferentes graus da hierarquia espírita. Esse progresso ocorre pela encarnação, que é imposta a alguns como expiação¹⁵ e a outros como missão. A vida material é uma prova que devem suportar várias vezes, até que tenham atingido a perfeição absoluta. É uma espécie de exame severo ou de depuração, de onde saem mais ou menos purificados.”

15 - **Expiação:** nova oportunidade de reparar as faltas e os erros de vidas passadas. É a Lei de Causa e Efeito (N. E.).

“Ao deixar o corpo, a alma retorna ao mundo dos Espíritos, de onde havia saído, para recomeçar uma nova existência material, depois de um período mais ou menos longo, durante o qual permanece no estado de Espírito errante¹⁶.”

“O Espírito deve passar por várias encarnações. Disso resulta que todos nós tivemos muitas existências e que ainda teremos outras que, aos poucos, nos aperfeiçoarão, seja na Terra, seja em outros mundos.”

“A encarnação dos Espíritos se dá sempre na espécie humana; seria um erro acreditar que a alma ou o Espírito pudesse encarnar no corpo de um animal*.”

“As diferentes existências corporais do Espírito são sempre progressivas e o Espírito nunca retrocede, mas o tempo necessário para progredir depende dos esforços de cada um para chegar à perfeição.”

“As qualidades da alma¹⁷, isto é, as qualidades morais, são as do Espírito que está encarnado em nós; desse modo, o homem de bem é a encarnação do bom Espírito, e o homem perverso a de um Espírito impuro.”

“A alma tinha sua individualidade antes de sua encarnação e a conserva depois que se separa do corpo.”

“Na sua reentrada no mundo dos Espíritos, a alma reencontra todos aqueles que conheceu na Terra e todas as suas existências anteriores desfilam na sua memória com a lembrança de todo o bem e de todo o mal que fez.”

“O Espírito, quando encarnado, está sob a influência da matéria. O homem que supera essa influência pela elevação e pela depuração de sua alma aproxima-se dos bons Espíritos, com os quais estará um dia. Aquele que se deixa dominar pelas más paixões e coloca todas as alegrias da sua existência na satisfação dos apetites grosseiros se aproxima dos Espíritos impuros, porque nele predomina a natureza animal.”

“Os Espíritos encarnados habitam os diferentes globos do universo.”

“Os Espíritos não encarnados ou errantes não ocupam uma região determinada e localizada, estão por todos os lugares no espaço e ao nosso lado, vendo-nos numa presença contínua. É toda uma população invisível que se agita ao nosso redor.”

“Os Espíritos exercem sobre o mundo moral e o mundo físico uma ação incessante. Eles agem sobre a matéria e o pensamento e constituem uma das forças da natureza, causa determinante de uma multidão

16 - **Espírito errante**: que está na erraticidade, período entre uma e outra encarnação, como está explicado nesta obra, na questão 223 e seguintes (N. E.).

* Há entre a doutrina da reencarnação e a da metempsicose, tal como a admitem certas seitas, uma diferença característica que é explicada na seqüência da obra. Para saber sobre metempsicose, consulte as questões 222, 611 e seguintes (Nota de Kardec).

17 - **Alma**: dizemos do espírito quando está no corpo, encarnado (N. E.).

de fenômenos até agora inexplicável ou mal explicada e que apenas encontram esclarecimento racional no Espiritismo.”

“As relações dos Espíritos com os homens são constantes. Os bons Espíritos nos atraem e estimulam para o bem, sustentando-nos nas provações da vida e ajudando-nos a suportá-las com coragem e resignação. Os maus nos sugestionam para o mal; é um prazer para eles nos ver fracassar e nos assemelharmos a eles.”

“As comunicações dos Espíritos com os homens são ocultas ou ostensivas. As comunicações ocultas ocorrem pela influência boa ou má que exercem sobre nós sem o sabermos; cabe ao nosso julgamento discernir as boas das más inspirações. As comunicações ostensivas ocorrem por meio da escrita, da palavra ou outras manifestações materiais, muitas vezes por médiuns que lhes servem de instrumento.”

“Os Espíritos se manifestam espontaneamente ou por evocação. Podem-se evocar todos os Espíritos, tanto aqueles que animaram homens simples como os de personagens mais ilustres, qualquer que seja a época em que viveram, os de nossos parentes, amigos ou inimigos, e com isso obter, por meio das comunicações escritas ou verbais, conselhos, ensinamentos sobre sua situação depois da morte, seus pensamentos a nosso respeito, assim como as revelações que lhes são permitidas nos fazer.”

“Os Espíritos são atraídos em razão de sua simpatia pela natureza moral do ambiente em que são evocados. Os Espíritos superiores se satisfazem com reuniões sérias em que dominam o amor pelo bem e o desejo sincero de receber instrução e aperfeiçoamento. A sua presença afasta os Espíritos inferiores que, caso contrário, encontrariam aí livre acesso e poderiam agir com toda a liberdade entre as pessoas levianas ou guiadas somente pela curiosidade. Em todos os lugares onde se encontram maus instintos, longe de obter bons conselhos, ensinamentos úteis, devem-se esperar apenas futilidades, mentiras, gracejos de mau gosto ou mistificações, visto que, freqüentemente, eles tomam emprestado nomes veneráveis para melhor induzir ao erro.”

“Distinguir os bons dos maus Espíritos é extremamente fácil. A linguagem dos Espíritos superiores é constantemente digna, nobre, repleta da mais alta moralidade, livre de toda paixão inferior; seus conselhos exaltam a sabedoria mais pura e sempre têm por objetivo nosso aperfeiçoamento e o bem da humanidade. A linguagem dos Espíritos inferiores, ao contrário, é inconseqüente, muitas vezes banal e até mesmo grosseira; se por vezes dizem coisas boas e verdadeiras, dizem na maioria das vezes coisas falsas e absurdas por malícia ou por ignorância. Zombam da credulidade e se divertem à custa daqueles que os interrogam ao incentivar a vaidade, alimentando seus desejos com falsas esperanças. Em resumo, as comunicações sérias, no verdadeiro sentido da palavra, apenas acontecem nos centros sérios, cujos membros estão unidos por uma íntima comunhão de pensamentos, visando ao bem.”

“A moral dos Espíritos superiores se resume, como a de Cristo, neste ensinamento evangélico: ‘Fazer aos outros o que quereríamos que os outros nos fizessem’, ou seja, fazer o bem e não o mal. O homem encontra neste princípio a regra universal de conduta, mesmo para as suas menores ações.”

“Eles nos ensinam que o egoísmo, o orgulho e a sensualidade são paixões que nos aproximam da natureza animal, prendendo-nos à matéria; que o homem que se desliga da matéria já neste mundo, desprezando as futilidades mundanas e amando o próximo, se aproxima da natureza espiritual; que cada um de nós deve se tornar útil segundo as capacidades e os meios que Deus nos colocou nas mãos para nos provar; que o forte e o poderoso devem apoio e proteção ao fraco, pois aquele que abusa de sua força e de seu poder para oprimir seu semelhante transgride a Lei de Deus. Enfim, ensinam que no mundo dos Espíritos nada pode ser escondido, o hipócrita será desmascarado e todas as suas baixezas descobertas; que a presença inevitável, em todos os instantes, daqueles com quem agimos mal é um dos castigos que nos estão reservados; que ao estado de inferioridade e de superioridade dos Espíritos equivalem punições e prazeres que desconhecemos na Terra.”

“Mas também nos ensinam que não há faltas imperdoáveis que não possam ser apagadas pela expiação. Pela reencarnação, nas sucessivas existências, mediante os seus esforços e desejos de melhoria no caminho do progresso, o homem avança sempre e alcança a perfeição, que é a sua destinação final.”

Este é o resumo da Doutrina Espírita, resultante do ensinamento dado pelos Espíritos superiores. Vejamos agora as objeções que lhe fazem.

7

A DOCTRINA ESPÍRITA E A CIÊNCIA

Para muitas pessoas, a oposição de cientistas, se não é uma prova, é pelo menos uma forte opinião contrária. Não somos dos que se levantam contra os sábios, porque não queremos que digam que nós os insultamos; nós os temos, ao contrário, em grande estima e ficaríamos muito honrados de estar entre eles. Porém, suas opiniões não podem ser em todas as circunstâncias um julgamento irrevogável.

Quando a ciência sai da observação material dos fatos e procura apreciar e explicar esses fatos, o campo está aberto às hipóteses e às suposições; cada um defende seu pequeno sistema na intenção de fazê-lo prevalecer e o sustenta com firmeza. Não vemos todos os dias as opiniões mais divergentes alternativamente acatadas e rejeitadas, repelidas como erros absurdos, ou proclamadas como verdades in-

contestáveis? Os fatos, eis o verdadeiro critério de nossos julgamentos, o argumento incontestável. Na ausência de fatos, a dúvida é opinião sábia e prudente.

Para as coisas de conhecimento de todos, a opinião dos sábios deve ser respeitada, e com razão, porque sabem mais e melhor do que a maioria das pessoas comuns; mas na questão de novos princípios, de coisas desconhecidas, sua maneira de ver é sempre e apenas uma suposição, porque não estão mais do que quaisquer outros livres de preconceitos. Direi até mesmo que o sábio talvez tenha mais preconceitos, porque uma tendência natural leva-o a submeter tudo ao ponto de vista em que se especializou: o matemático apenas vê a prova numa demonstração algébrica, o químico relaciona tudo à ação dos elementos, etc. Todo homem que se dedica a uma especialização subordina a ela todas as suas idéias. Fora do seu campo, muitas vezes se perderá, por querer submeter tudo ao seu modo de ver; é uma consequência da fraqueza humana. Consultarei, de bom grado e com toda a confiança, um químico sobre uma questão de análise de uma substância, um físico sobre a energia elétrica, um mecânico sobre a força motriz; mas eles me permitirão, sem que isso desmereça o respeito que sua especialização merece, considerar suas opiniões negativas sobre o Espiritismo idênticas ao conceito de um arquiteto sobre uma questão de música.

As ciências gerais se apóiam nas propriedades da matéria, que pode ser manipulada e experimentada à vontade; os fenômenos espíritas se fundamentam na ação das inteligências que têm vontade própria e nos provam a cada instante que não estão à disposição dos nossos caprichos. As observações, em vista disso, não podem ser feitas da mesma maneira; requerem condições diferenciadas, especiais e um outro ponto de partida. Querer submetê-las aos nossos processos comuns de investigação é querer estabelecer e forçar semelhanças que não existem. A ciência propriamente dita, como ciência, é incompetente para pronunciar-se na questão do Espiritismo; ela não tem que se ocupar com isso, e qualquer que seja seu julgamento, favorável ou não, não tem nenhuma importância. O Espiritismo pode vir a ser uma convicção pessoal que os sábios possam ter como indivíduos, sem considerar a sua qualidade de sábios, isto é, a sua especialização e o seu saber científico. Contudo, querer conceder a questão à ciência equivaleria a decidir a existência da alma por uma assembléia de físicos ou astrônomos. De fato, o Espiritismo está inteiramente fundamentado na existência da alma e na sua situação depois da morte; contudo, é extremamente ilógico pensar que um homem deve ser um grande psicólogo porque é um grande matemático ou um grande anatomista. O anatomista, ao dissecar o corpo humano, procura a alma, e como o seu bisturi não a encontra, como encontra um nervo, ou porque não a vê sair volátil como um gás, conclui que ela não existe, porque se coloca sob um

ponto de vista exclusivamente material. Resultará que ele tenha razão contra a opinião universal? Não. Vemos, portanto, que o Espiritismo não é da competência da ciência.

Quando a crença espírita estiver bastante difundida, quando for aceita pelas massas, e, a se julgar pela rapidez com que se propaga, esse tempo não está longe, acontecerá com o Espiritismo o que ocorre com todas as idéias novas que encontraram oposição: os sábios irão se render à evidência. Chegarão a ela por si sós e pela força das coisas. Até lá, é inoportuno desviá-los de seus trabalhos especiais, para obrigá-los a se ocupar de uma coisa estranha ao seu mundo, que não está nem nas suas atribuições, nem nos seus programas. Enquanto isso não ocorre, aqueles que, sem um estudo prévio e aprofundado da matéria, se pronunciam pela negativa e zombam de todos os que não estão de acordo com a sua opinião, esquecem que o mesmo ocorreu com a maior parte das grandes descobertas que honram a humanidade. Eles se expõem a ver seus nomes incluídos na extensa lista dos ilustres contestadores das idéias novas e inscritos ao lado dos membros da erudita assembléia que, em 1752, acolheu com zombaria e muitos risos o relatório de Franklin¹⁸ sobre os pára-raios, julgando-o indigno de figurar ao lado das comunicações que eram apreciadas; e desse outro que fez a França perder o benefício da iniciativa do motor a vapor, declarando que o sistema de Fulton¹⁹ era um sonho irrealizável. Entretanto, essas eram questões da sua competência. Se essas assembléias, que contavam em seu seio com a elite dos sábios do mundo, apenas tiveram a zombaria e o sarcasmo por idéias que não compreendiam e que alguns anos mais tarde deveriam revolucionar a ciência, os costumes e a indústria, como esperar que uma questão estranha aos seus trabalhos obtenha melhor acolhimento?

Esses erros lamentáveis de alguns homens de comprovada sabedoria, indignos de sua memória, não tiraram dos sábios os títulos com que, em outros campos de ação, se fazem respeitar. Mas acaso é necessário um diploma oficial para se ter bom senso, e fora das poltronas acadêmicas somente há tolos e imbecis? Que se observem os adeptos da Doutrina Espírita, e que avaliem se entre eles somente há ignorantes, e se o número imenso de homens de mérito que a abraçaram permite nivelá-la à categoria das credices populares. Pelo caráter e pelo saber desses homens, vale bem a pena dizer: uma vez que eles afirmam, é certo pelo menos que há alguma coisa.

Repetimos ainda que se os fatos de que nos ocupamos ficassem reduzidos ao movimento mecânico dos objetos, a procura da causa física desse fenômeno entraria no campo da ciência; mas, desde que se trata de uma manifestação fora das leis dos homens, ela escapa da

18 - **Benjamin Franklin**: estadista norte-americano que inventou o pára-raios (N. E.).

19 - **Robert Fulton**: mecânico norte-americano que inventou a propulsão, o motor a vapor (N. E.).

competência da ciência material, porque não se pode exprimir nem por algarismos, nem pela força mecânica. Quando surge um fato novo que não se situa no círculo de alguma ciência conhecida, o sábio, para estudá-lo, deve despojar-se de seu saber e considerar que é um estudo novo que não se pode fazer com idéias preconcebidas.

O homem que considera que o seu saber é infalível está bem perto do erro. Mesmo os que defendem as mais falsas idéias apóiam-se sempre na sua razão, e é em virtude disso que rejeitam tudo que lhes parece impossível. Aqueles que antigamente repeliram as admiráveis descobertas de que hoje a humanidade se honra faziam apelo à razão para as rejeitar; porém, o que se chama razão é, muitas vezes, somente orgulho disfarçado, e quem quer que se acredite infalível se coloca como igual a Deus. Dirigimo-nos, portanto, àqueles que são bastante ponderados para duvidar do que não viram e que, julgando o futuro pelo passado, não acreditam que o homem tenha chegado ao seu apogeu, nem que a natureza tenha virado para ele a última página de seu livro.

8

A SERIEDADE DA DOCTRINA

Acrescentamos que o estudo de uma doutrina, como a Doutrina Espírita, que nos lança de repente e em cheio numa ordem de coisas tão novas e grandiosas, somente pode ser feito por homens sérios, perseverantes, isentos de prevenções e movidos por uma firme e sincera vontade de chegar a um resultado esclarecedor. Não podem ser considerados assim os que julgam, *a priori*²⁰, levemente e sem ter visto tudo; que não dão a seus estudos nem a seqüência, nem a regularidade, nem a cautela necessária; e muito menos certas pessoas que, para não perder a pose de sua reputação de homens de espírito²¹, se empenham em encontrar um lado ridículo nas coisas mais verdadeiras, ou assim julgadas, por pessoas cujo saber, caráter e convicções fazem jus ao respeito de quem se tem na conta de ser bem-educado. Aqueles que não julgarem os fatos espíritas dignos de si e de sua atenção que se calem; ninguém tenciona violentar sua crença, mas que saibam respeitar a dos outros.

O que caracteriza um estudo sério é a seqüência que se dá a esse estudo. Deve causar estranheza o fato de não se obter, muitas vezes, nenhuma resposta sensata às questões, sérias por si próprias, quando são feitas ao acaso e lançadas à queima-roupa no meio de enxurradas de perguntas absurdas? Uma questão, aliás, é muitas vezes complexa e requer, para ser esclarecida, indagações preliminares

20 - **A priori**: diz-se do conhecimento, afirmação, verdade, etc. anterior à experiência (N. E.).

21 - **Homens de espírito**: inteligentes, geniais (N. E.).

ou complementares. Quem quer aprender uma ciência deve fazer um estudo metódico dela, começar pelo início e seguir o encadeamento e o desenvolvimento das idéias. Aquele que sem mais nem menos pergunta a um sábio algo sobre a ciência da qual nada sabe acaso obterá algum proveito? E o próprio sábio poderá, com a melhor boa vontade, dar uma resposta satisfatória? Essa resposta isolada será forçosamente incompleta e, muitas vezes, por isso mesmo, ininteligível, ou poderá parecer absurda e contraditória. Acontece exatamente o mesmo nas relações que estabelecemos com os Espíritos. Se quisermos nos instruir na sua escola, é preciso fazer um curso com eles, mas proceder exatamente como entre nós: selecionar os professores e trabalhar com constância.

Dissemos que os Espíritos superiores apenas vêm às reuniões sérias e, em especial, àquelas em que reina uma perfeita comunhão de pensamentos e de sentimentos pelo bem. A leviandade e as questões inúteis os afastam, como, entre os homens, afastam as pessoas racionais; o campo fica, então, livre à multidão de Espíritos mentirosos e fúteis, sempre à espreita de ocasiões para zombar e se divertir à nossa custa. O que devemos esperar de uma reunião dessa natureza quando desejamos resposta a uma questão séria? Será respondida? Sim, será, mas respondida por quem? É como se no meio de um bando de gozadores lançássemos estas questões: o que é a alma? O que é a morte? E outras também de igual tom recreativo. Se quereis respostas sérias, sede sérios no verdadeiro sentido da palavra e colocai-vos de acordo com todas as condições que se requerem. Somente assim obtereis grandes coisas. Sede mais laboriosos e perseverantes em vossos estudos; sem isso os Espíritos superiores vos abandonarão, como faz um professor com seus alunos negligentes.

9

A DOCTRINA E OS SEUS CONTESTADORES

O movimento dos objetos é um fato comprovado. A questão é saber se, nesse movimento, há ou não uma manifestação inteligente e, caso haja, qual é a origem dessa manifestação.

Não trataremos somente do movimento inteligente de alguns objetos, nem de comunicações verbais, nem mesmo das diretamente escritas pelo médium. Esse gênero de manifestação, clara e evidente para aqueles que viram e se aprofundaram no assunto, não é à primeira vista muito convincente para um observador novato, por não a entender como independente da vontade do médium. Não trataremos somente da escrita obtida com a ajuda de um objeto qualquer munido de um lápis, como o cesto, a prancheta, etc. A maneira como os dedos do médium ficam colocados sobre o objeto desafia, como já dissemos, a habilidade mais consumada de poder participar de qualquer

modo que seja no traçado das letras. Mas admitamos ainda que, por efeito de uma habilidade maravilhosa, o médium possa enganar o olhar mais atento. De que maneira explicar a natureza das respostas, quando estão muito além de todas as idéias e de todos os conhecimentos do médium? E, que se note bem, não se trata de respostas monossilábicas, mas muitas vezes de numerosas páginas escritas com a mais espantosa rapidez, seja espontaneamente, seja sobre um assunto determinado. Pela mão do médium, mais alheio e avesso à literatura, nascem, algumas vezes, poesias de uma sublimidade e pureza irrepreensíveis, que os melhores poetas se dignariam em assinar. O que acrescenta ainda mais estranheza a esses fatos é que acontecem em todos os lugares, e que os médiuns se multiplicam ao infinito. Esses fatos são reais ou não? Para isso, apenas temos uma resposta: vede e observai, ocasiões não faltarão; mas observai repetidamente, por um período e obedecendo às condições determinadas.

Diante da evidência, o que respondem os opositores? “Sois”, dizem, “vítimas do charlatanismo ou juguete de uma ilusão.” Diremos, primeiramente, que é preciso separar a idéia de *charlatanismo* de onde não há lucro; os charlatães não fazem seu trabalho de graça. Isso seria, então, uma mistificação. Mas por que estranha coincidência tantos mistificadores teriam combinado em harmonia e concordância para, de um canto a outro do planeta, agir da mesma forma, produzir os mesmos efeitos e dar sobre os mesmos assuntos e em tão diversas línguas respostas idênticas, se não quanto às palavras, pelo menos quanto ao sentido? E o que levaria pessoas sérias, honradas, instruídas a se prestar a semelhantes artimanhas e com que objetivo? Como encontrar entre as crianças a paciência e a habilidade necessárias para esse fim? Porque, se esses médiuns não são instrumentos passivos, será preciso reconhecer neles habilidade e conhecimentos incompatíveis com a idade infantil e com certas posições sociais.

Então, dizem que, se não há trapaças, os dois lados podem ser *vítimas de uma ilusão*. Numa avaliação lógica, a qualidade dos testemunhos tem grande valor; portanto, é o caso de se perguntar se a Doutrina Espírita, que hoje conta com milhões de seguidores, apenas os recruta entre os ignorantes? Os fenômenos em que se apóia são tão extraordinários que compreendemos a dúvida, mas não se pode admitir a pretensão de alguns incrédulos que julgam ter o privilégio exclusivo do bom senso e que, sem respeito pela decência ou o valor moral de seus adversários, tacham, sem cerimônia, de tolos todos que não estão de acordo com as suas opiniões. Aos olhos de toda pessoa sensata, ajuizada, a opinião das pessoas esclarecidas, que por muito tempo viram, estudaram e meditaram um fato, constituirá sempre, se não uma prova, pelo menos uma probabilidade em seu favor, uma vez que pôde prender a atenção de homens sérios que não têm interesse em propagar erros, nem tempo a perder com futilidades.

10

OBJEÇÕES

Dentre as objeções, há algumas sedutoras, pelo menos na aparência, que podem induzir ao erro por serem tiradas da observação dos fenômenos espíritas e serem feitas por pessoas respeitáveis.

Uma delas é que a linguagem de alguns Espíritos não parece digna da elevação que se supõe em seres sobrenaturais. Mas, se considerarmos o resumo da Doutrina que apresentamos, seguramente se concluirá o que os próprios Espíritos nos ensinam: eles não são iguais nem em conhecimento, nem em qualidades morais, e que não se deve tomar ao pé da letra tudo o que dizem. Cabe às pessoas sensatas distinguir o bom do mau. Seguramente, os que, em função disso, concluem que apenas temos contato com seres maldosos, cuja única ocupação é a de mistificar, não têm conhecimento das comunicações que se recebem nas reuniões, onde apenas se manifestam Espíritos Superiores; caso contrário, não pensariam assim. É lastimável que a casualidade os tenha levado a ver apenas o lado mau do mundo espírita, pois é difícil imaginar que por uma tendência de simpatia tenham atraído para si Espíritos maus, mentirosos ou aqueles cuja linguagem é revoltante de tão grosseira, em vez dos bons Espíritos. No máximo, poderíamos concluir que a solidez dos princípios dos opositores da Doutrina Espírita não é bastante poderosa para afastar o mal e que, encontrando um certo prazer em satisfazer sua curiosidade, os maus Espíritos aproveitam a oportunidade para se introduzir entre eles, enquanto os bons se afastam.

Julgar a questão dos Espíritos por esses fatos seria tão pouco lógico quanto julgar o caráter de um povo pelo que se diz e se faz numa reunião de alguns amalucados ou de pessoas de má fama, e da qual não participam nem os sábios, nem as pessoas sensatas. Essas pessoas se encontram na situação de um estrangeiro que, chegando a uma grande capital pelo mais pobre e feio subúrbio, julgasse todos os habitantes pelos costumes e a linguagem desse bairro ínfimo. No mundo dos Espíritos, há também uma sociedade de bons e de maus. Portanto, que os opositores da Doutrina estudem bem o que se passa entre os Espíritos Superiores e ficarão convencidos de que a cidade celeste encerra outra coisa além da ralé do povo, a camada mais baixa da sociedade. Mas, perguntam, os Espíritos Superiores vêm até nós? A isso respondemos: Não fiquéis no subúrbio; vede, observai e julgai. Os fatos estão aí para todos, a menos que sejam a elas que se apliquem essas palavras de Jesus: “Têm olhos e não vêem, ouvidos e não ouvem”.

Uma variante dessa opinião consiste em ver somente nas comunicações espíritas, e em todos os fenômenos a intervenção de um poder

diabólico, novo Proteu que se revestiria de todas as formas para melhor nos enganar. Não a consideramos à altura de um exame sério, por isso não nos deteremos nela; encontra-se respondida por aquilo que dissemos; acrescentaremos somente que, se fosse assim, seria preciso convir que o diabo é algumas vezes muito sábio, razoável e, sobretudo, muito moral, ou, então, que há também bons diabos.

Como acreditar, de fato, que Deus somente permita ao Espírito do mal se manifestar para nos perder, sem nos dar, por contrapeso, os conselhos dos bons Espíritos? Se Ele não o pode impedir, é impotente; se o pode e não o faz, é incompatível com sua bondade; qualquer destas suposições seria uma blasfêmia. Notai que admitir a comunicação dos maus Espíritos é reconhecer em princípio as manifestações; portanto, a partir do momento que elas existem, isso somente pode acontecer com a permissão de Deus; como acreditar sem impiedade que Ele permita o mal com a exclusão do bem? Semelhante doutrina seria contrária às mais simples noções do bom senso e da religião.

11

QUE ESPÍRITOS?

Um fato interessante, dizem, é que somente se fala com Espíritos de pessoas conhecidas e pergunta-se por que só eles se manifestam. Essa afirmativa é um erro proveniente, como muitos outros, de uma observação superficial. Entre os Espíritos que se comunicam espontaneamente há para nós muito mais desconhecidos do que ilustres. Eles se designam por um nome qualquer e, muitas vezes, por um nome figurado ou característico. Quanto aos que se evocam, a menos que não seja um parente ou um amigo, é bastante natural evocar os que são conhecidos. O nome das pessoas ilustres impressiona mais, é por isso que são mais notados.

Considera-se estranho também que Espíritos de homens ilustres venham familiarmente ao nosso chamado e se ocupem, por vezes, de coisas insignificantes em comparação com as que realizaram durante a sua vida. Não há nada de espantoso para aqueles que sabem que o poder ou a consideração que esses homens desfrutaram na Terra não lhes dá nenhuma supremacia no mundo espiritual; os Espíritos confirmam nisso as palavras do Evangelho: “Os grandes serão rebaixados e os pequenos, elevados”, o que se deve entender como a categoria que cada um de nós virá a ocupar. Assim aquele que foi o primeiro na Terra pode ser um dos últimos no mundo espiritual; aquele diante do qual curvávamos a cabeça numa vida pode vir entre nós agora como o mais humilde operário, porque, ao deixar a vida, deixou toda a sua grandeza, e o mais poderoso monarca talvez possa estar abaixo do último de seus soldados.

12

A IDENTIDADE DOS ESPÍRITOS

Um fato que a observação demonstrou e foi confirmado pelos próprios Espíritos é que os Espíritos inferiores apresentam-se, muitas vezes, com nomes conhecidos e respeitados. Quem pode nos assegurar que aqueles que dizem ter sido, por exemplo, Sócrates, Júlio César, Carlos Magno, Fénelon, Napoleão, Washington, etc. tenham realmente animado esses personagens? Essa dúvida existe entre alguns adeptos fervorosos da Doutrina Espírita; admitem a intervenção e a manifestação dos Espíritos, mas se perguntam como comprovar sua identidade. Essa comprovação é, de fato, muito difícil de estabelecer, já que não pode ser apurada de uma maneira tão prática e simples como por meio de um documento de identidade. Pode, entretanto, ser feita por alguns indícios.

Quando o Espírito de alguém que conhecemos pessoalmente se manifesta, seja de um parente ou de um amigo, por exemplo, especialmente se morreu há pouco tempo, ocorre, em geral, que sua linguagem está em perfeita relação com o seu caráter; isso já é um indício de identidade. Mas não há mais dúvida quando esse Espírito fala de coisas particulares, lembra de fatos de família apenas conhecidos pelo interlocutor. Um filho não se equivocaria certamente com a linguagem de seu pai ou de sua mãe, nem os pais com a de seu filho. Algumas vezes, nessas evocações, acontecem coisas surpreendentes, de forma a convencer o mais incrédulo. O cético mais endurecido fica, então, maravilhado com as revelações inesperadas que lhe são feitas.

Uma outra circunstância muito característica vem fundamentar a identidade do Espírito. Dissemos que a letra do médium muda geralmente com o Espírito evocado, e que essa escrita se reproduz exatamente igual a cada vez que o mesmo Espírito se apresenta. Constatou-se, muitas vezes, que para as pessoas mortas há pouco tempo, essa escrita tem uma semelhança marcante com a da pessoa quando viva; têm-se visto assinaturas de uma exatidão perfeita. Estamos longe de dar esse fato, embora observado, como regra e, principalmente, como uma regra constante; nós o mencionamos como algo digno de nota.

Somente os Espíritos que atingiram um certo grau de purificação estão desligados de toda influência corporal. Porém, quando não estão completamente desmaterializados (é essa a expressão da qual se servem), conservam a maior parte das idéias, das tendências e até mesmo das *manias* que tinham na Terra, o que demonstra o meio de os reconhecermos; como também numa grande quantidade de fatos e detalhes, que somente uma observação atenta e firme pode revelar. Vêm-se escritores discutir suas próprias obras ou suas doutrinas, aprovar ou condenar certas partes; outros Espíritos a lembrar fatos ignorados ou pouco conhecidos de sua vida ou de sua morte; enfim, detalhes que são pelo

menos provas morais de identidade, as únicas a que se pode recorrer quando se trata de coisas abstratas, isto é, que estão fora da realidade.

Se, portanto, a identidade do Espírito evocado pode ser, até certo ponto, estabelecida em alguns casos, não há razão para que não o seja em outros, e se, em relação às pessoas cuja morte ocorreu há mais tempo, não há os mesmos meios de controle, tem-se sempre o da linguagem e do caráter que revelam, porque, seguramente, o Espírito de um homem de bem não falará como um perverso ou um devasso. Quanto aos Espíritos que se apresentam exibindo nomes respeitáveis, logo se traem pela linguagem e pelos ensinamentos. Aquele que dissesse ser Fénelon, por exemplo, e embora acidentalmente ofendesse o bom senso e a moral, mostraria, por esse simples fato, a fraude. Se, ao contrário, os pensamentos que exprimisse fossem sempre puros, sem contradições e constantemente à altura do caráter de Fénelon, não haveria motivos para duvidar de sua identidade. De qualquer maneira, seria preciso supor que um Espírito que apenas prega o bem pode conscientemente empregar a mentira, e isso sem utilidade. A experiência nos ensina que os Espíritos da categoria, do mesmo caráter e animados pelos mesmos sentimentos se reúnem em grupos ou em famílias; que o número de Espíritos é incalculável e estamos longe de conhecê-los todos; e que até mesmo a maior parte deles não tem nome para nós. Um Espírito da mesma categoria de Fénelon pode vir em seu lugar, muitas vezes, enviado a seu pedido; apresentar-se sob seu nome, pois lhe é idêntico, e substituí-lo, porque precisamos de um nome para fixar nossas idéias. Mas o que importa, em definitivo, que um Espírito seja realmente ou não o de Fénelon? A partir do momento que somente diz coisas boas e que fala como o próprio Fénelon falaria, é um bom Espírito; o nome com que se apresenta é indiferente e, muitas vezes, é apenas um meio de fixar nossas idéias. O mesmo não seria admissível nas evocações dos familiares; mas aí, como dissemos, a identidade pode ser estabelecida por provas de alguma forma evidentes.

Contudo, é certo que a substituição dos Espíritos pode ocasionar uma série de enganos e resultar em erros e, muitas vezes, em mistificações; essa é uma dificuldade do *Espiritismo prático*. Mas nunca dissemos que fosse algo fácil, nem que se pudesse aprendê-lo brincando, como não se faz com qualquer outra ciência. Nunca será demais repetir que ele pede um estudo assíduo e, freqüentemente, bastante prolongado; não podendo provocar os fatos, é preciso esperar que se apresentem por si mesmos e, freqüentemente, são conduzidos por circunstâncias com as quais nem ao menos se sonha. Para o observador atento e paciente, os fatos se produzem e então ele descobre milhares de detalhes característicos que representam fochos de luz. É assim também nas ciências comuns, enquanto o homem superficial vê numa flor apenas uma forma elegante, o sábio descobre nela tesouros para o pensamento.

13

CONTRADIÇÕES ENTRE OS ESPÍRITOS

As observações nos levam a dizer algumas palavras a respeito de uma outra dificuldade, a da divergência na linguagem dos Espíritos.

Como os Espíritos são muito diferentes uns dos outros nos conhecimentos e na moralidade, é evidente que a mesma questão pode ser por eles explicada com sentidos opostos, conforme a categoria que ocupam, como se ela fosse proposta, entre os homens, ora a um sábio, ora a um ignorante ou a um gracejador de mau gosto. O ponto essencial, já o dissemos, é saber a quem se dirige.

Mas, dizem os críticos: como se explica que os Espíritos reconhecidos por seres superiores não estejam sempre de acordo? Diremos, primeiramente, que além da causa que acabamos de assinalar há outras que podem exercer uma certa influência sobre a natureza das respostas, independentemente da qualidade dos Espíritos. Este é um ponto importante cuja explicação somente será dada pelo estudo. É por isso que dizemos que esses estudos requerem uma atenção firme, uma observação profunda e, principalmente, como em todas as ciências humanas, continuidade e perseverança. São necessários anos para fazer um médico medíocre, três quartos da vida para fazer um sábio; como pretender, em algumas horas, adquirir a ciência do infinito? Portanto, não nos enganemos: o estudo do Espiritismo é imenso, toca em todas as questões da metafísica²² e da ordem social, é todo um mundo que se abre diante de nós; será de espantar que seja preciso tempo, e muito tempo, para o adquirir?

A contradição, aliás, não é sempre tão evidente quanto pode parecer. Não vemos, todos os dias, homens que, ensinando a mesma ciência, divergem quanto à definição de uma coisa, seja ao empregar termos diferentes, seja ao encará-la sob um outro ponto de vista, ainda que a idéia fundamental permaneça a mesma? Que se conte, se possível, o número de definições que foram dadas pela gramática! Acrescentamos ainda que a forma da resposta depende, muitas vezes, da forma da pergunta. Seria ingenuidade encontrar uma contradição onde há apenas uma diferença de palavras. Os Espíritos Superiores não se prendem de nenhum modo à forma; para eles, o fundo do pensamento é tudo.

Tomemos por exemplo a definição da alma. Por essa palavra comportar várias significações, os Espíritos podem, assim como nós, divergir na definição que lhe dão: um poderá dizer que é o princípio da

22 - **Metafísica:** é parte da filosofia, um conjunto de conhecimentos racionais (e não de conhecimentos revelados) em que se procura determinar as regras fundamentais do pensamento, e que nos dá a chave do conhecimento do real em oposição à aparência (N. E.).

vida; um outro, chamá-la de centelha anímica²³; um terceiro, dizer que é interna; um quarto, que é externa, etc., e todos terão razão em seu ponto de vista. Poderíamos até mesmo acreditar que alguns deles, em vista da sua definição, ensinassem teorias materialistas e, entretanto, não é assim. Ocorre o mesmo em relação a Deus; Ele será: o Princípio de todas as coisas, o Criador do universo, a Soberana inteligência, o Infinito, o Grande Espírito, etc., etc. e decisivamente será sempre Deus. Citamos, por fim, a classificação dos Espíritos. Eles formam uma escala contínua desde o grau inferior até o superior; portanto, a classificação não é rígida: um poderia estabelecer três classes; um outro, cinco, dez ou vinte, à vontade, sem estar, por isso, em erro. Também as ciências humanas nos oferecem o exemplo: cada sábio tem o seu sistema, os sistemas mudam, mas a ciência não. Que se aprenda botânica pelo sistema de Lineu, de Jussieu ou de Tournefort²⁴ e não será menos botânica. Deixemos de dar, portanto, às coisas de pura convenção mais importância do que merecem, para nos ocupar daquilo que é verdadeiramente sério, e a reflexão nos fará descobrir, muitas vezes, naquilo que parece mais contraditório, uma semelhança que nos havia escapado à primeira vista.

14

MANEIRAS E MÉTODOS/ERROS DE ORTOGRAFIA

Não nos deteríamos sobre a objeção de alguns críticos às falhas de ortografia de alguns Espíritos, se ela não nos permitisse fazer, sobre o fato, uma observação essencial. A ortografia deles, é preciso dizer, nem sempre é impecável; mas é necessário não ter mais nenhum argumento para fazer disso objeto de uma crítica séria, alegando que, uma vez que os Espíritos sabem tudo, devem saber ortografia. Poderíamos apontar numerosos pecados desse gênero cometidos por mais de um sábio da Terra, o que não lhes tira em nada o mérito; entretanto, há nesse fato uma questão mais importante: para os Espíritos e principalmente para os Espíritos Superiores, a idéia é tudo, a forma não é nada. Desligados da matéria, sua linguagem é rápida como o pensamento, uma vez que é o próprio pensamento que se comunica sem intermediário; em vista disso, devem sentir-se constrangidos, pouco à vontade, quando são obrigados, para se comunicar conosco, a se servir de formas longas e confusas da linguagem humana, agravadas pela insuficiência e imperfeição dessa linguagem para exprimir todas as idéias; é o que eles próprios dizem. É curioso também ver os

23 - **Centelha anímica**: princípio da vida espiritual; corpo espiritual; o Espírito (N. E.).

24 - **Lineu, Jussieu e Tournefort**: naturalistas e botânicos, sendo o primeiro sueco e os outros dois franceses (N. E.).

meios que empregam para atenuar esse inconveniente. Certamente faríamos o mesmo se tivéssemos que nos exprimir numa língua mais longa em palavras e expressões e mais pobre do que aquela que nos é usual. É o embaraço que experimenta o homem de gênio, como podemos imaginar, se impacientando com a lentidão de sua caneta, que está sempre atrás de seu pensamento. Concebe-se, por essa razão, que os Espíritos dêem pouca importância ao detalhe da pobreza das regras ortográficas, quando se trata especialmente de um ensinamento sério. Já não é maravilhoso, aliás, que eles se expressem indiferentemente em todas as línguas e as compreendam todas? Entretanto, não devemos concluir que a correção convencional da linguagem lhes seja desconhecida; eles a observam quando necessário. É assim, por exemplo, que a poesia ditada por eles, muitas vezes, desafia a crítica mais meticulosa, e isso *apesar da ignorância do médium*.

15

A LOUCURA E O ESPIRITISMO

Há também pessoas que vêm perigo em todos os lugares e em tudo o que não conhecem e rapidamente apontam uma conseqüência desfavorável no fato de algumas pessoas, ao estudar a Doutrina Espírita, terem perdido a razão. Como é que homens de bom senso podem ver nesse fato uma objeção séria? Não ocorre o mesmo com todas as preocupações intelectuais sobre um cérebro fraco? Sabe-se lá o número de loucos e maníacos produzidos pelos estudos matemáticos, médicos, musicais, filosóficos e outros? É preciso, por causa disso, banir esses estudos? O que prova esse fato? Muitas vezes os trabalhos corporais deformam ou mutilam os braços e as pernas, que são os instrumentos da ação material; pode acontecer que os trabalhos da inteligência danifiquem o cérebro, o instrumento pelo qual o pensamento se expressa. Mas se o instrumento está quebrado, o Espírito está intacto, e quando se libertar do corpo vai se achar de posse e na plenitude de suas capacidades. É dessa maneira, como homem, um mártir do trabalho.

Qualquer uma das grandes preocupações do Espírito pode ocasionar a loucura: as ciências, as artes e a própria religião mostram-nos vários casos. A loucura tem como causa principal uma predisposição orgânica do cérebro, que o torna mais ou menos acessível a algumas impressões. Se houver predisposição para a loucura, ela assume um caráter de preocupação principal, se transformando em idéia fixa, podendo tanto ser a dos Espíritos, em quem com eles se ocupou, como poderá ser a de Deus, dos anjos, do diabo, da fortuna, do poder, de uma arte, de uma ciência, da maternidade ou a de um sistema político-social. É provável que um louco religioso se tornasse um louco espírita, se o Espiritismo

fosse sua preocupação dominante, como um louco espírita o teria sido sob uma outra forma, segundo as circunstâncias.

Digo, portanto, que o Espiritismo não tem nenhum privilégio nessa relação; e digo mais, afirmo que, se bem compreendido, o Espiritismo é uma defesa contra a loucura.

Entre as causas mais comuns de superexcitação cerebral, ou seja, do desequilíbrio mental, estão as decepções, as infelicidades, as afeições contrariadas, que são, ao mesmo tempo, as causas mais frequentes de suicídio. Assim é que o verdadeiro espírita vê as coisas deste mundo de um ponto de vista mais elevado; elas lhe parecem tão pequenas, tão mesquinhas, diante do futuro que o espera; a vida é para ele tão curta, tão passageira, que as tribulações são, a seus olhos, apenas incidentes desagradáveis de uma viagem. O que em qualquer outro produziria uma violenta emoção pouco o afeta; sabe, além de tudo, que os desgostos da vida são provas que servem para o seu adiantamento, se as suporta sem lamentar, porque será recompensado segundo a coragem com que as tiver suportado. Suas convicções lhe dão uma resignação que o protege do desespero e, por consequência, de uma causa freqüente de loucura e suicídio. Ele sabe, por outro lado, por observar as comunicações com os Espíritos, o destino dos que encurtaram voluntariamente seus dias, e esse quadro é muito sério para fazê-lo refletir; também o número de pessoas que por causa disso se detiveram sobre essa inclinação fatal é considerável. Esse é um dos resultados do Espiritismo. Que os incrédulos riam dele quanto quiserem. Desejo-lhes as consolações que ele proporciona a todos que se dão ao trabalho de sondar-lhe as miste-rias profundezas.

Ao número das causas de loucura é preciso ainda adicionar o dos temores, e entre estes o medo do diabo, que provocou o desequilíbrio de mais de um cérebro. Sabe-se lá o número de vítimas que se fez ao amedrontar as fracas imaginações com esse quadro que se procura tornar sempre mais pavoroso com terríveis detalhes? O diabo que, dizem, apenas mete medo às criancinhas, é um freio para torná-las ajuizadas, como o bicho-papão e o lobisomem. Contudo, quando não têm mais medo deles, tornam-se piores; e esse belo resultado não é levado em conta no número das epilepsias²⁵ causadas pelo abalo em cérebros delicados. A religião seria bem fraca se não gerasse medo, sua força correria risco, seria abalada. Felizmente não é assim, há outros meios de ação sobre as almas; o Espiritismo lhe aponta os mais eficazes e os mais sérios, se souber usá-los com proveito; mostra a realidade das coisas e com isso neutraliza os efeitos desastrosos de um temor exagerado.

25 - **Epilepsia:** distúrbio do cérebro (sistema nervoso); disritmia cerebral que provoca contração muscular involuntária e convulsões (N. E.).

16

TEORIAS ENGANADORAS

Resta-nos examinar duas objeções; as únicas que merecem verdadeiramente esse nome, porque são baseadas em teorias racionais. Ambas admitem a realidade de todos os fenômenos materiais e morais, mas excluem a intervenção dos Espíritos.

A primeira dessas teorias diz que todas as manifestações atribuídas aos Espíritos não seriam outra coisa senão efeitos magnéticos. Os médiuns entrariam num estado que se poderia chamar de sonambulismo acordado, fenômeno do qual toda pessoa que estudou o magnetismo pôde verificar e testemunhar. Nesse estado, as capacidades intelectuais adquirem um desenvolvimento anormal; o círculo das percepções intuitivas se estende além dos limites de nossa concepção normal. Dessa maneira, o médium tiraria de si mesmo e por efeito de sua lucidez tudo o que diz e todas as noções que transmite, mesmo sobre assuntos que lhe são completamente desconhecidos quando se acha no seu estado normal.

Não seremos nós que contestaremos a força do sonambulismo, do qual vimos os extraordinários fenômenos e os estudamos em todas as fases durante mais de 35 anos. Concordamos, de fato, que muitas manifestações espíritas podem se explicar por ele, mas uma observação paciente e atenta mostra uma multidão de fatos em que a intervenção do médium, a não ser como instrumento passivo, é materialmente impossível. Àqueles que partilham dessa opinião diremos como aos outros: vede e observai, pois seguramente não vistes tudo. Em seguida propomos duas considerações tiradas de sua própria doutrina. De onde veio a teoria espírita? É um sistema imaginado por alguns homens para explicar os fatos? De modo algum. Quem a revelou? Precisamente esses mesmos médiuns dos quais exaltais a lucidez. Se, portanto, essa lucidez é exatamente como a supondes, por que teriam eles atribuído aos Espíritos o que possuíam em si mesmos? Como dariam esses ensinamentos tão precisos, lógicos e sublimes sobre a natureza dessas inteligências extrahumanas? De duas coisas, uma: ou são lúcidos ou não o são; se o são e se se pode confiar em sua veracidade, não haveria como, sem contradição, admitir que não estão com a verdade. Em segundo lugar, se todos os fenômenos tivessem origem no médium, seriam idênticos no mesmo indivíduo e não se veria a mesma pessoa manifestar-se em linguagens diferentes e exprimir alternativamente as mais polêmicas idéias. Essa falta de unidade nas manifestações obtidas por um mesmo médium prova a diversidade das fontes; se, portanto, não se pode encontrá-las todas no médium, é preciso procurá-las fora dele.

Uma outra opinião diz que o médium é a fonte das manifestações, mas, em vez de as tirar de si mesmo, assim como o pretendem os par-

tidários da teoria sonambúlica, as tira do meio ambiente. Assim sendo, o médium seria uma espécie de espelho refletindo todas as idéias, pensamentos e conhecimentos das pessoas que o rodeiam; não diria nada que já não fosse conhecido pelo menos por alguns. Não se poderia negar, e isso é mesmo um princípio da Doutrina, a influência exercida pelos assistentes sobre a natureza das manifestações. Porém, essa influência é diferente da que os opositores supõem existir, e daí a ser o médium o eco dos pensamentos daqueles que o rodeiam há uma grande distância, visto que milhares de fatos demonstram indiscutivelmente o contrário. Portanto, há nisso um erro grave que atesta, uma vez mais, o perigo das conclusões prematuras. Essas pessoas, não podendo negar a existência de um fenômeno que a ciência comum não pode explicar e não querendo admitir a presença dos Espíritos, o explicam a seu modo. Esta teoria, embora enganosa, seria atraente se pudesse abraçar todos os fatos, mas não é assim. Quando se lhes demonstra com a clareza mais lógica que algumas comunicações do médium são completamente estranhas ao pensamento, aos conhecimentos, às próprias opiniões de todos os assistentes, que essas comunicações são, muitas vezes, espontâneas e contradizem todas as idéias preconcebidas, eles não recuam e nem se dão por convencidos. A irradiação, dizem, estende-se muito além do círculo imediato que nos rodeia; o médium é o reflexo de toda a humanidade, de forma que, se não tira suas inspirações das coisas que estão ao seu redor, vai procurá-las fora, na cidade, no país, em todo o globo e mesmo em outras esferas.

Não creio que se encontre nessa teoria uma explicação mais simples e mais provável que a do Espiritismo, embora revele uma causa bem mais maravilhosa. Porém, a idéia de que seres inteligentes povoam os espaços e que, estando em contato permanente conosco, nos comunicam seus pensamentos, nada tem que choque mais a razão do que se supor que essa irradiação universal vinda de todos os pontos do universo possa concentrar-se no cérebro de um indivíduo.

Ainda uma vez, e esse é um ponto importante sobre o qual nunca é demais insistir: tanto a teoria sonambúlica quanto a que se poderia chamar *refletiva* foram imaginadas por alguns homens; são opiniões individuais criadas para explicar um fato, enquanto a Doutrina dos Espíritos não é de concepção humana. Foi ditada pelas próprias inteligências que se manifestaram quando ninguém sequer a concebia e que a própria opinião geral a repelia. Portanto, perguntamos: de onde os médiuns foram tirar uma doutrina que não existia no pensamento de ninguém na Terra? E perguntamos mais: por que estranha coincidência milhares de médiuns espalhados por todos os pontos do globo, que nunca se viram, combinaram dizer a mesma coisa? Se o primeiro médium que apareceu na França revelou a influência das mesmas opiniões já aceitas nos Estados Unidos, por que razão teria ido procurar

essas idéias a 2000 léguas além dos mares, entre um povo de costumes e linguagem estranhos, em vez de procurá-las ao seu redor?

Mas há uma outra particularidade sobre a qual não se tem pensado o suficiente. É que as primeiras manifestações, tanto na França quanto nos Estados Unidos, não ocorreram pela escrita, nem pela fala, mas por pancadas que concordavam com as letras do alfabeto formando palavras e frases. Foi por esse meio que as inteligências que se revelavam declararam ser Espíritos. Se pudermos, portanto, supor que haja a intervenção do pensamento dos médiuns nas comunicações verbais ou escritas, o mesmo não pode ter ocorrido com as pancadas, cuja significação não poderia ser conhecida com antecedência.

Poderíamos citar muitos outros fatos que demonstram, na inteligência que se manifesta, uma individualidade evidente e uma independência absoluta de vontade. Remetemos, entretanto, os discordantes a uma observação mais atenta, e se querem estudar sem prevenção e não concluir antes de terem visto tudo, reconhecerão a fragilidade de sua teoria para explicar os fatos. Nós nos limitaremos a colocar as seguintes questões: por que a inteligência que se manifesta, seja ela qual for, recusa-se a responder a algumas questões sobre assuntos perfeitamente conhecidos, como, por exemplo, sobre o nome ou a idade do interrogador, sobre o que tem na mão, o que fez na véspera e o que fará no dia seguinte, etc.? Se o médium é de fato o espelho do pensamento dos assistentes, nada haveria de ser mais fácil do que dar essas respostas.

Os adversários retrucam o argumento ao perguntar, por sua vez, por que os Espíritos, que devem saber tudo, não podem responder a coisas tão simples, de acordo com o axioma²⁶ *Quem pode o mais pode o menos*, concluindo, daí, que não são respostas dos Espíritos. Se um ignorante ou um zombador se apresentasse diante de uma assembléia de sábios e perguntasse, por exemplo, por que faz dia em pleno meio-dia, acredita-se que alguém se desse ao trabalho de responder seriamente? Seria razoável por isso concluir, pelo silêncio ou desdém que se desse ao interrogador, que os componentes dessa assembléia são tolos? Portanto, é precisamente porque os Espíritos são superiores que não respondem às questões inúteis e ridículas e não querem se pôr em evidência, é por isso que se calam ou dizem se ocupar com coisas mais sérias.

Perguntaremos, por fim, por que os Espíritos vêm e vão frequentemente num dado momento, e por que, passado esse momento, não há preces nem súplicas que os possam trazer de volta? Se o médium somente agisse como um reflexo do impulso mental dos assistentes, é evidente que, nessa circunstância, o concurso de todas as vontades reunidas deveria estimular sua clarividência. Se não cede ao desejo

26 - **Axioma**: princípio evidente que é aceito como universalmente verdadeiro, sem exigência de demonstração (N. E.).

da assembléia, fortalecido também por sua própria vontade, é porque obedece a uma influência estranha a ele mesmo e aos que estão à sua volta, e que essa influência demonstra, por esse fato, sua independência e sua individualidade.

17

A DOCTRINA E AS OBRAS DE DEUS

A descrença com que se têm referido à Doutrina Espírita, quando não é o resultado de uma oposição sistemática interesseira, tem quase sempre origem no conhecimento incompleto dos fatos, o que não impede algumas pessoas de abordar e decidir a questão como se a conhecessem perfeitamente. Pode-se ser muito inteligente, ter muita instrução e não se ter bom senso; portanto, o primeiro indício de falta de discernimento quando se julga é acreditar ser infalível. Muitas pessoas também vêm as manifestações espíritas somente como curiosidade; esperamos que pela leitura deste livro elas encontrem nesses extraordinários fenômenos outra coisa além de um simples passatempo.

A ciência espírita compreende duas partes: uma experimental, sobre as manifestações em geral, e outra filosófica, sobre as manifestações inteligentes. Todo aquele que somente observou a primeira está na posição de quem conhece a física apenas por experiências recreativas, sem ter penetrado a fundo na ciência. A verdadeira Doutrina Espírita está no ensinamento dado pelos Espíritos, e os conhecimentos que esse ensinamento comporta são muito sérios para serem adquiridos de qualquer outro modo que não seja por um estudo atencioso e contínuo, feito no silêncio e no recolhimento, porque somente nessa condição pode-se observar um número infinito de fatos e de detalhes que escapam ao observador superficial e permitem firmar uma opinião. Se este livro não tivesse outra finalidade que não fosse mostrar o lado sério da questão e de provocar estudos nesse sentido, para nós já seria bastante honroso e ficaríamos felizes por ter realizado uma obra a que não pretendemos, de resto, nos atribuir mérito pessoal, uma vez que seus princípios não são de nossa criação e o seu mérito é inteiramente dos Espíritos que a ditaram. Esperamos que ela tenha um outro resultado: o de guiar os homens desejosos de se esclarecer, mostrando-lhes nestes estudos um objetivo grande e sublime: o do progresso individual e social, e de lhes indicar o caminho a seguir para atingi-lo.

Concluimos com uma última consideração. Os astrônomos, ao sondar os espaços, encontraram na distribuição dos corpos celestes lacunas não justificadas e em desacordo com as leis do conjunto. Eles supuseram que essas lacunas deveriam estar ocupadas por globos que escapavam à sua observação, mas, ao mesmo tempo, observa-

ram alguns efeitos cuja causa desconheciam e concluíram: “Aí deve haver um mundo, porque essa lacuna não pode existir e esses efeitos devem ter uma causa”. Analisando, então, a causa pelo efeito, puderam calcular os elementos, e mais tarde os fatos vieram justificar suas previsões. Apliquemos esse mesmo raciocínio a uma outra ordem de idéias. Se observarmos todas as criaturas, verificaremos que formam uma cadeia, sem interrupção, desde a matéria bruta até o homem mais inteligente. Mas entre o homem e Deus, o alfa e o ômega²⁷ de todas as coisas, que imensa lacuna! É racional pensar que terminem no homem os elos dessa cadeia? Ou que ele possa transpor de uma vez a distância que o separa do infinito? A razão nos diz que entre o homem e Deus deve haver outros escalões, como disse aos astrônomos que entre os mundos conhecidos devia haver outros mundos desconhecidos. Qual é a filosofia que preencheu essa lacuna? O Espiritismo a mostra ocupada por seres de todas as categorias do mundo invisível, e esses seres não são outros senão os Espíritos dos homens que atingiram os diferentes graus que conduzem à perfeição; então, tudo se liga, tudo se encaixa, desde o alfa até o ômega. Vós que negais a existência dos Espíritos, preenchei, portanto, o vazio que eles ocupam; e vós que rides deles, ousai rir das obras de Deus e de seu grande poder!

Allan Kardec

27 - **Alfa e ômega:** respectivamente a primeira e a última letra do alfabeto grego. Neste caso, o princípio e o fim (N. E.).